



Capítulo – 10 março 2021 Sofrimento e glória de Deus



Muito queridos irmãos e amigos,

Desejo a todos vocês uma santa festa de Santa Maria Eugênia!

Que quer dizer celebrar a festa de Santa Maria Eugênia neste ano, neste tempo de Quaresma ligado à pandemia de Covid-19? Desde que esta começou, em março de 2020, o medo tomou conta de nós, acarretando uma ansiedade que produz um grande sofrimento. De um jeito ou de outro, enfrentamos as tempestades da incerteza e da impotência, do desemprego e da crise financeira, os problemas ligados às relações interpessoais e à perda de entes queridos. Ainda que tenhamos vacinas, não sabemos até agora quando e como essa pandemia vai acabar. O impacto de novas variantes do vírus e a distribuição desigual das vacinas contra o Covid-19 também nos causam preocupação. Além disso, muitos povos estão sofrendo desastres naturais e estamos impactados com acontecimentos revoltantes, como a violação dos direitos humanos, as contestações em massa e as tempestades políticas em várias partes do mundo. E ainda, temos nossos problemas pessoais e dificuldades em nossas comunidades ou em nossas famílias. Apesar dos progressos da medicina e da tecnologia que tornam nossa vida mais fácil e mais confortável, o sofrimento e a dor não faltam no mundo de hoje.

Santa Maria Eugênia e a paixão e morte de Jesus

Santa Maria Eugênia considerava que a «meditação da Paixão de Nosso Senhor» era uma das práticas «mais úteis» durante a Quaresma.¹ Essas meditações, pensava, nos ajudam a «entrar nas disposições de Jesus diante do sofrimento». E convidava-nos a aprender a ver tudo o que nos faz sofrer «como um dom de Deus». Fiquei feliz ao constatar que, como no evangelho segundo São João, Maria Eugênia interpretou a paixão e a morte de Jesus como «o testemunho supremo de seu amor» por nós. Podemos, pois, colocar as seguintes perguntas: como compreendemos a paixão e a morte de Jesus? O que quer dizer «entrar nas disposições de Jesus diante do sofrimento»? O que nos ajuda a aceitar a dor como um dom de Deus? Como abrir ainda mais nossas vidas à graça nestes tempos perturbados da pandemia? Espero que estas reflexões nos ajudem a encarar melhor as provações tão numerosas de que somos testemunhas e que vivemos hoje.



No evangelho segundo São João, a forma verbal «dar-se» (τίθημι / *tithēmi*) refere-se à paixão e morte de Jesus. Jesus é apresentado como o Bom Pastor que «dá a vida pelas ovelhas» (Jo 10,11) e o Bom Pastor faz isso para dar «a vida, a vida em abundância» (10, 10). Esse verbo também é utilizado no contexto do amor de Jesus pelos discípulos, que considera como seus amigos: «Não há maior amor do que dar a vida por seus amigos» (15, 13). O quarto evangelho interpreta a morte de Jesus na cruz como uma importante manifestação do amor-amizade de Jesus, do amor do Pastor que se oferece

¹ Maria Eugênia, Instrução de Capitulo, *Meditação sobre a Paixão de Nosso Senhor*, 9 de março de 1873.

em sacrifício para dar às ovelhas a vida em abundância. Em outra passagem do evangelho, a morte de Jesus é apresentada como a mais forte revelação do amor incondicional de Deus (3, 16), do poder redentor de Deus (3, 14-15) e da glória de Deus (δόξα / *doxa*; 12, 28-34). A glória de Deus representa aqui seu amor benevolente (תּוֹנָה / *hezéd*; Ex 34, 6) e sua presença benfazeja (כְּבוֹד / *kābod*; Ex 16,10) no meio de nós. Se compreendermos assim a morte de Jesus, Jesus sofrendo na cruz é nosso Heros – nosso Amigo, nosso Bom Pastor, nosso Salvador e Senhor. A morte de Jesus na cruz revela o poder profético do amor salvífico de Deus. Hoje, Jesus não quer apenas simpatizantes e pessoas sucumbidas pelo luto, precisa de discípulos radicais que sofram com Ele e se sacrifiquem a si mesmos a fim de garantir para todos, especialmente para nossos irmãos e irmãs menos privilegiados, a «vida em abundância». Se procurarmos melhorar a vida de todos e construir comunidades de amigos, também contribuiremos para tornar a glória de Deus mais visível em nosso mundo em mudança.

Nosso sofrimento e a glória de Deus

O sofrimento é inerente ao ser humano. Será que podemos ficar à vontade diante da aflição, dos problemas, ou diante daquilo que chamamos as cruces da vida cotidiana? Como sublinha o Livro de Jó, cada ser humano – desde o nascimento até a morte – encontra surpresas, alegrias e sofrimentos, seguranças e inseguranças, sucessos e derrotas, certezas e incertezas. Dois objetos de escolha diferentes oferecem-se a nós na vida. Conforme as palavras de Jó: « Se acolhemos a felicidade vinda de Deus, como não acolher também a infelicidade? » (Jó 2, 10b). Nestes tempos difíceis, façamos uma escolha sábia e revelemos a glória de Deus tornando cada vez mais visível seu amor benevolente em nossas comunidades e em nossas famílias. Aprendamos a viver com a dor e o sofrimento; atravessemos as infelicidades à luz da fé, como fez Jó. « Nu saí do ventre de minha mãe, nu a ele voltarei; o SENHOR deu, o SENHOR tirou, bendito seja o nome do SENHOR! » (Jó 1, 21). Somos, pois, convidados a tornar-nos mais humanos vendo as coisas com os olhos de Deus.

Nossa vida é feita de experiências que podem ser agradáveis ou sofridas, alegres ou difíceis. Nem sempre podemos determinar a natureza exata dessas experiências, mas certamente podemos decidir qual a natureza de nossas respostas. Podemos procurar evitar o sofrimento como se fosse algo negativo ou acolhê-lo como uma oportunidade de crescimento. A decisão cabe a nós e só pertence a nós. Quando procuramos fugir do sofrimento, sofreremos ainda mais. Como disse Thomas Merton: «Quanto mais você procura evitar o sofrimento, mais vai sofrer, porque as coisas menores e mais insignificantes começam a torturá-lo, na proporção de seu medo de ser machucado. Aquele que faz mais esforços para evitar o sofrimento é, no fim das contas, aquele que mais sofre».² De outro lado, como Maria Eugênia sugere, quando acolhemos as dificuldades como dons de Deus, adotamos outra atitude e outro estado de espírito frente à vida e a seus desafios. É bem esse o fruto da espiritualidade em nossas vidas. A espiritualidade ajuda-nos a tornar-nos pessoas livres e confiantes já que contamos com a providência de Deus. Uma consciência profunda da verdade segundo a qual nossa vida – cada uma de nossas respirações – é um dom de Deus, nos tornará realmente capazes de aceitar as vicissitudes da existência como um dom de Deus. Nossas vidas serão mais ricas se aceitarmos as dificuldades, as decepções e as derrotas não como experiências infelizes, mas como oportunidades para amar mais profundamente a serviço da vida em plenitude. Estaríamos assim mais disponíveis

² Thomas Merton, *A Montanha dos Sete Patamares – Edição dos Cinquenta Anos* (Londres: Harcourt, 1998), p. 92.

para as surpresas da vida, e encontraríamos a graça de Deus mais efetiva em nossa existência. É o jeito de viver de Santa Maria Eugênia, o jeito de fazer na Assunção.

Nós não buscamos o sofrimento por ele mesmo, mas sofremos em vista de uma vida em plenitude. Possibilidades de cura e de transformação estão escondidas no sofrimento humano. O sofrimento aceito em vista de uma finalidade é uma força que nos transforma. As muitas dificuldades da existência podem se transformar em fonte de sacrifícios portadores de vida e de amor doado. Aprendemos a abraçar horizontes mais amplos de nossa realidade. Nosso sofrimento torna-se fonte de uma nova energia e de um novo dinamismo, e suscita um novo impulso que favorece uma nova vida. Criemos, pois, um «espaço acolhedor» para as surpresas da insegurança, as surpresas da doença, as surpresas dos obstáculos que se apresentam a nós. E partilhemos as disposições de Nosso Senhor Jesus diante do sofrimento a fim de experimentar a graça que ele carrega. Assim como não há ressurreição sem paixão e morte, também não há nova vida sem dor e sem provações. O sofrimento tem outro significado quando é considerado como expressão de um amor maior em vista de vida em plenitude para os outros – nossos amigos, nossos vizinhos, os membros de nossa família ou de nossa comunidade. A experiência do sofrimento pode tornar-se uma experiência da presença salvífica de Deus, que leva à construção da comunidade, da família e da sociedade. Esta experiência é um dom de Deus e nos dá um vislumbre da glória de Deus revelada em Jesus.

A pandemia nos torna conscientes mais do que nunca de nossa mortalidade e da necessidade de nos prepararmos para todas as batalhas. Continuemos nosso «caminho de quaresma em direção à conversão» através da oração e de um exame de consciência sincero. Jejuemos e estendamos a mão aos pobres e aos necessitados em espírito de solidariedade. Façamos jejum da indiferença e do julgamento e estejamos abertos ao diálogo em vista do encontro e da comunhão. Jejuemos da cólera e da animosidade e gozemos da paz e da graça de Deus. Jejuemos do negativismo e encontremos nossa alegria numa vida nova, cheia de esperança. Mais ainda, jejuemos da tendência a evitar as provações e celebremos como oportunidades para suscitar vida e revelar a glória de Deus. Assim estaremos mais preparados para nos alegrarmos e para recebermos as bênçãos do Senhor Ressuscitado.

Neste dia de sua festa, celebremos nossa vida com todas suas alegrias e dificuldades e façamos com que Maria Eugênia sorria!



Rekha M. Chennattu, RA
Superiora Geral

Auteuil, 10 de março de 2021